

PAISAGEM, NATUREZA E MEMÓRIA: OCUPAÇÃO HISTÓRICA EM UM TRECHO URBANO DE MATA ATLÂNTICA DO RIO DE JANEIRO

Bolsista: Joana Stíngel Fraga
Orientador: Rogério Ribeiro de Oliveira

Introdução

Geralmente considera-se uma floresta como algo desabitado, longe da presença humana. No entanto, o que hoje é chamado de Mata Atlântica constitui na verdade um mosaico de florestas de diferentes tipos. Olhado-as mais de perto – com o enfoque da Fitossociologia e da Arqueologia, é possível se detectar numerosas alterações presentes no interior das formações florestais, algumas muito antigas [1]. Estas alterações nada mais são do que vestígios de populações tradicionais que no passado lá residiram, como quilombolas, caiçaras, carvoeiros, sitiantes, caboclos, enfim, povos que sempre viveram à parte da economia central. Geralmente habitavam pequenas choças em clareiras onde plantavam para o auto-abastecimento. Seja por motivos voluntários ou involuntários, estas moradias foram abandonadas e a vegetação retomou, sob a forma de florestas secundárias.

A área do presente estudo é a formação florestal da porção meridional do Maciço da Pedra Branca, localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Nos séculos XVII e XVIII ali existiam vários engenhos de açúcar, e de meados do século XIX ao início do século XX a área tornou-se fonte de madeira para produção de carvão [2]. Dois tipos de vestígios arqueológico dessas atividades podem ser encontrados: alicerces de ruínas de casas ou platôs construídos artificialmente para a fabricação do carvão vegetal. Nos dois casos estas ocupações remetem a meados do século XIX. A presente pesquisa constitui um levantamento de vestígios de populações que ocuparam no passado a formação florestal do Maciço da Pedra Branca.

Materiais e métodos

O processo de busca destes vestígios foi feito a partir de trilhas existentes no interior da floresta, sendo influenciado pelas características de campo – extensão e declividade da área e dificuldade dos platôs serem avistados a mais de 10 metros. A procura foi feita de maneira semi-aleatória, ou seja, percorrendo-se trilhas e investigando-se formas semelhantes a vestígios como pedras empilhadas, carvão no solo, etc. Os vestígios foram georeferenciados com uso de um GPS Garmin Etrex e os dados transportados o programa ArcGis. Os vestígios foram plotados em bases cartográficas que evidenciam a sua distribuição ao longo das encostas.

Resultados e Discussão

Além dos aspectos “naturais” da transformação do ecossistema, os fatores humanos também contribuem neste processo, já que estes estão em constante integração [3]. O resgate ao histórico do uso do solo como subsídio na compreensão da dinâmica atual do ecossistema tem grande importância na compreensão dos processos de transformação da paisagem. Nesse sentido, torna-se necessário um resgate ao histórico do uso do solo para compreensão da dinâmica atual do ecossistema [3].

Foi encontrado um total de 10 ruínas de alicerces feitos de rochas e 86 vestígios de carvoarias. Dessas últimas, apenas 4,7% encontram-se em áreas de capim. Todos os demais vestígios estavam em interior floresta mais ou menos avançada em termos sucessionais. Até o momento não foi encontrado um padrão consistente de localização das carvoarias e sim das ruínas de casas. Geralmente estas ocupavam encostas côncavas, próximo a eixos de drenagem e afastadas umas das outras. A dificuldade maior de entendimento de um padrão de ocupação pelas carvoarias é devida ao fato que o uso da floresta deu-se de forma assincrônica e a mesma pode ter se regenerado nos interstícios dos usos de seus recursos madeireiros. No entanto, a par dessa dificuldade, consolidou-se a evidência de que, tanto o uso por carvoeiros como por sítiantes revelou-se uma atividade compatível com a preservação das florestas, levando em consideração as condicionantes do processo de sucessão ecológica e que a floresta tornou-se Parque Estadual em 1974, permitindo esse processo. Paradoxalmente pode-se, portanto, considerar a atividade dos carvoeiros do final do século XIX e início do século XX um exemplo histórico de uma atividade ecologicamente sustentável.

Referências:

- 1 - CRUMLEY, C.L. **Historical Ecology: cultural knowledge and changing landscape.** Santa Fé, School of American Research Press, 1993.
- 2 – CORRÊA, A. M. **O Sertão Carioca.** In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1933 (reimpressão: Departamento de Imprensa Oficial. Secretaria Municipal Adm., 1936). v. 167. 312 p.
- 3 - FOSTER, D., SWANSON F., ABER, J., BURKE, I., BROKAW, N., TILMAN, D. & KNAPP, A. The importance of land-use legacies to ecology and conservation. **BioScience**, v. 53, p. 77 – 88, 2003
- 4 - GÁRCIA-MONTIEL, D.C. El legado de la actividad humana en los bosques neotropicales contemporáneos. In: GUARIGUATA, M.R. & KATTAN, G.H. (eds.) **Ecología y conservación de bosques neotropicales.** Cartago: Ed. LUR. p.98-116. 2002